CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC
BACHARELADO EM AUDIOVISUAL

MULHERES NA CINEMATOGRAFIA:
Um olhar sobre curtas universitários

Laís Valério Motta[1]
Cléber Eduardo Miranda dos Santos[2]

Linha de Pesquisa: Comunicação.
Projeto: Cinema fora de curso: os contextos e estilos de curtas-metragens universitários de São Paulo com trajetórias em festivais de cinema.

[1] Estudante do Curso de Audiovisual; Bolsista (Senac)
laismott@gmail.com
[2] Professor do Centro Universitário Senac
clebere@gmail.com

RESUMO

No mercado de trabalho atual, as mulheres têm menos espaço e ocupam menor número de cargos de liderança, em comparação aos homens (ABRAM, 2016; Hryniewicz e Vianna, 2018). Esse cenário se estende à área do Audiovisual (ANCINE, 2016; TEDESCO, 2017). O objetivo deste trabalho foi avaliar a representatividade feminina quanto à participação em equipes de fotografia e na função de Direção de fotografia, em curtas universitários paulistas selecionados em 10 festivais de cinema entre 2015 e 2019. Trata-se de um estudo empírico descritivo, de levantamento de dados quantitativos por meio de busca eletrônica que coletou 91 curtas, dentre os quais, 66 foram selecionados para o estudo. Os resultados mostraram que, no universo pesquisado, o número de diretoras de fotografia (19,7%) é notadamente inferior em relação ao de diretores de fotografia (68,2%). Quanto à constituição das equipes de fotografia da amostra, a presença masculina foi hegemônica, exceto em 2017. Esses resultados permitiram concluir que na área de fotografia, o recorte da produção universitária relativa à amostra pesquisada mostrou desigualdade de gênero em relação à função de Direção de Fotografia e à composição das equipes de fotografia. Este artigo apresentará os dados do estudo, reflexões sobre os resultados obtidos em comparação a outras pesquisas da área e lacunas a serem investigadas.

Palavras-chave: direção de fotografia; equipe de fotografia; curtas universitários; mulheres.

ABSTRACT

In the current labor market, women have less space and occupy fewer leadership positions, compared to men (ABRAM, 2016; Hryniewicz and Vianna, 2018). This scenario extends to the Audiovisual area (ANCINE, 2016; TEDESCO, 2017). The objective of this work was to evaluate the representation of women in the participation in photography teams and in the role of Direction of photography, in university shorts selected in 10 film festivals between 2015 and 2019. It is a descriptive empirical study, of quantitative data collection through electronic search that collected 91 short, among which, 66 were selected for the study. The results showed that, in the researched universe, the number of directors of photography (19.7%) is noticeably lower than that of directors of photography (68.2%). Regarding the composition of the sample's photography teams, the male presence was hegemonic, except in 2017. These results allowed us to conclude that in the area of photography, the cutout of university production related to the sample studied showed gender inequality in relation to the Direction of Photography function and the composition of the photography teams. This article will present the study data, reflections on the results obtained in comparison to other research in the area and gaps to be investigated.

Keywords: cinematography; team of photography; short films; women.

1. INTRODUÇÃO

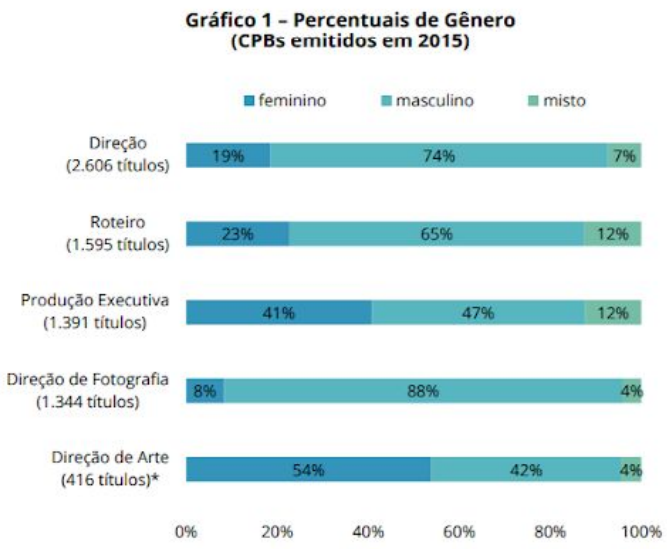
O abismo social no Brasil tem a desigualdade de gênero como um de seus eixos de sustentação. Porém, com o crescimento do feminismo e os avanços nas discussões sobre gênero em todo o mundo, a questão sobre o lugar da mulher na sociedade ganhou força no século XX. Em decorrência dos trabalhos de filósofas feministas - como Simone de Beauvouir, Judith Butler, Angela Davis e muitas outras - além do poder de difusão de informações na internet e redes sociais, é possível encontrar cada vez mais mulheres lutando por equidade, respeito e direitos.

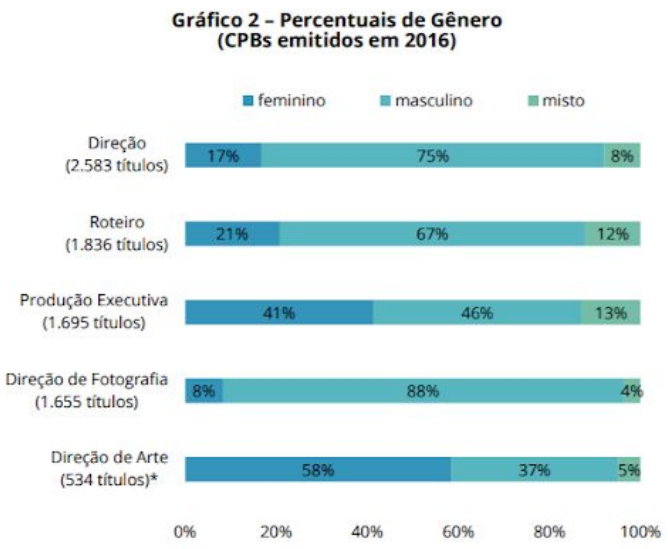
Segundo Abram (2006), é possível verificar um aumento do número de postos de trabalho destinados à mulheres nas últimas décadas. O mercado de trabalho brasileiro tem apresentado uma maior constância da taxa de aumento de participação feminina desde meados dos anos 1970. Entretanto, tal condição está vinculada à má qualidade do emprego feminino, que está ligado, principalmente, a trabalhos domésticos e/ou informais, com desigualdade salarial e de carga horária.

Além disso, as mulheres têm menor representatividade em cargos de chefia, de acordo com Hryniewicz e Vianna (2018). O que acontece não apenas em trabalhos considerados tradicionais (direito, engenharia, medicina, entre outros), mas também na área da arte, como é o caso do audiovisual.

Uma das mais potentes indústrias cinematográficas, a dos Estados Unidos, apresenta dados que apontam que se considerarmos os 250 filmes de maior bilheteria de 2012, apenas 18% contavam com mulheres em postos de liderança das equipes técnicas: diretores, produtores, roteiristas, diretores de fotografia e editores (PÉCORA, 2013). Ainda segundo a autora, direção e fotografia são as áreas em que menos se encontram mulheres, com profissionais femininas ocupando tais cargos em apenas 9% e 2% dos filmes, respectivamente.

No caso brasileiro, em 2016, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) apresentou dados que mostram uma situação similar em relação à participação feminina no audiovisual. Os gráficos 1 e 2, apresentam os percentuais de gênero nos cargos de liderança nas equipes cinematográficas em 2015 e 2016, respectivamente.





*foram consideradas apenas as obras de ficção.

Fonte: Ancine, 2016

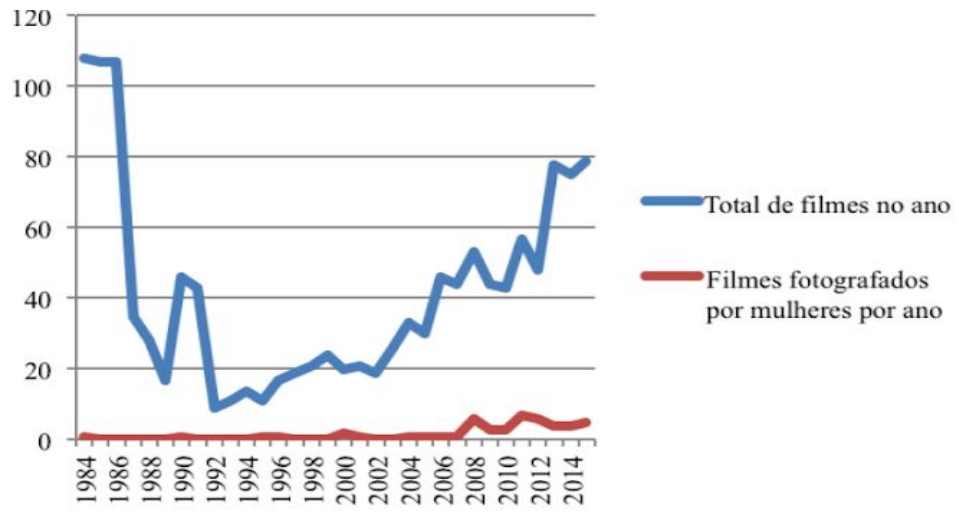
Como é possível observar, os gráficos 1 e 2 salientam que as funções de direção, roteiro e direção de fotografia (DF) são as que menos contam com a presença feminina em cargos de liderança. Ao contrário da direção de arte, que se divide mais igualitariamente entre os gêneros, e produção executiva, que mantém um índice de 41% de mulheres; a direção de fotografia é a que apresenta a maior desigualdade, com apenas 8% de mulheres entre 1.344 títulos em 2015 e 1.655 títulos em 2016 (ANCINE, 2016).

Essa constatação já é histórica. Inclusive há estudos específicos, como os de Tedesco (2016 e 2017), sobre a dificuldade de atuar como diretora de fotografia em diferentes épocas desde o advento do cinema. Esses dados das pesquisas comprovam que a área da direção de fotografia é considerada, por muitos, uma área exclusivamente masculina do ambiente audiovisual.

As justificativas para exclusão da mulher das funções nessa área são pautadas em argumentos indevidos e falaciosos, como os que citam o peso dos equipamentos como câmeras, tripés e luzes que apenas homens conseguiriam suportar, colocando em plano muito inferior à importância do olhar artístico (Alessandro, 2020).

De acordo com Tedesco (2016), de 1984 a 2014, apesar de existir um crescimento discreto da presença feminina, a disparidade entre DFs homens e mulheres permanece expressiva em longas-metragens ficcionais brasileiros (GRÁFICO 3).

Gráfico 3 - Total de filmes X filmes fotografados por mulheres por ano (1984-2015)



Fonte: Tedesco (2016)

No cenário atual, questiona-se como se apresenta esse fenômeno desde a formação universitária em cursos de cinema e audiovisual. Assim, o objetivo da presente pesquisa é compreender o espaço que mulheres ocupam na área de fotografia em filmes universitários paulistas selecionados para um conjunto, definido à priori, de 10 festivais de cinema.

2. OBJETO DA PESQUISA

Como exposto anteriormente, há pouco espaço e representatividade feminina em produções cinematográficas e, de forma mais contundente, na área de fotografia.

Assim, pretende-se verificar como se apresenta a proporção entre mulheres e homens como DFs, bem como na configuração da equipe de fotografia, em curtas universitários paulistas que participaram de 10 festivais de cinema entre 2015 a 2019.

Dessa forma, será possível contribuir para a reflexão sobre as dimensões da desigualdade de gênero no audiovisual: trata-se de uma conjuntura mais marcante no mercado de trabalho predominantemente masculino ou de um cenário que já se materializa desde produções universitárias selecionadas para os festivais estudados?

Nesse contexto, os objetivos específicos deste estudo são:

- Avaliar a representatividade feminina quanto ao número de participações nas equipes de fotografia de filmes universitários paulistas apresentados nesses festivais, de 2015 a 2019.

- Apurar o número de filmes que contam exclusivamente com mulheres atuando na função de Diretora de fotografia, no total da amostra.

3. METODOLOGIA

Este é um estudo retrospectivo e descritivo, de abordagem empírica, com base em dados quantitativos. Apesar de uma pesquisa quantitativa não ser suficiente para revelar detalhamentos e subjetividades, apresenta o retrato de um recorte específico sobre a produção universitária feminina paulista em filmes selecionados para festivais de cinema, entre 2015 e 2019, cuja análise é compatível com os limites de uma Iniciação Científica.

Para o processo de coleta dos dados, foram definidos pelo orientador deste trabalho, festivais, universitários ou não, que selecionam ou têm programação de curtas universitários. Foram eles: Mauau; Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte; Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro; FEIA - Festival do Instituto de Artes; FIDÉ BRASIL - Festival Internacional do Documentário Estudantil; Festival Tela Universitária de Cinema; Mostra do Filme Livre (Sessão Caminhos e Mostras não universitárias); Metro; FUCCA - Festival Universitário de Curtas a Céu Aberto e Festival Curva do Rio.

Esses 10 festivais foram distribuídos entre os membros do grupo de pesquisa para a identificação dos filmes universitários paulistas selecionados entre 2015 e 2019 e busca dos respectivos links de acesso. Alguns acessos foram encontrados diretamente por meio de busca no Google e, quando não encontrados dessa forma, por contato eletrônico (Facebook ou e-mail) com as diretoras ou diretores dos filmes.

Foram 91 curtas selecionados e organizados em um quadro geral relacionando: ano de festival; nome do filme; direção; instituição de ensino em que o filme foi produzido; link de acesso; contato da direção e festivais dos quais o curta participou.

Porém, 25 desses filmes não foram objetos de pesquisa pelos seguintes motivos: impossibilidade de encontrar o link de acesso (14 curtas); informações insuficientes nos créditos quanto aos objetivos pesquisa (nove) e curtas de animação (dois). Dessa forma, 66 filmes foram analisados.

Uma vez que o objetivo foi investigar a presença de mulheres na equipe de fotografia, identificou-se as DFs de cada filme, bem como a relação entre homens e mulheres em outras funções da área de fotografia. Essas informações geraram um volume de dados que foram dispostos em tabelas para organização dos resultados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Tratamento dos dados

O tratamento dos dados se iniciou com a elaboração do Quadro 1, que apresenta elementos das fichas técnicas dos filmes selecionados, considerados importantes para análise. Constam do quadro os seguintes aspectos: ano do festival; nome do filme; nome da diretora ou diretor; nome da DF e instituição de ensino.

Quadro 1- Fichas técnicas parciais dos curtas da amostra.

Ano de Festival	Nome do Filme	Direção	Direção de Fotografia	Instituição de Ensino
2015	São Paulo com Daniel	Deborah Viegas e Nicolas Thomé Zetune	Pedro Geraldo	FAAP
	Asco	Hélio Ranieri	Natália Antiqueira	FAAP
	Escute	Manoela Meyer	Manoela Mayer	ECA - USP
	Se esse filme fosse meu	Beatriz Craveiro	Alex Vecchi	Senac
	Número e série	Jéssica Queiroz	Luiz Augusto Moura	AIC
	A Fuga	Mika Moret	Pedro Pinheiro e Pedro Reali	FAAP
	Uma Bolha no Pé Esquerdo de Nina	Rodrigo Faustini	Flávio Artioli	UNICAMP
	A última guerra em Canudos: a barganha	Rafael Ghiraldelli	Rodrigo Faria	UNICAMP
2016	O chá do general	Bob Yang	Hassan Shahateet	FAAP
	What Makes A Good Party	Bianca Regô	Vino Curvelo	Anhembi Morumbi
	A bordo	Davi Mello	Letícia Abdo e Viktor Ximenes Ferraz	Anhembi Morumbi
	Do portão pra fora	Letícia Bina	Laysa Elias	Senac
	Variações sobre demônios mudos	Heitor Isolda	Ana Laura Leardini e Felipe Albanit	ECA - USP
	CEP 05300	Adria Meira e Lygia Pereira	Isabela Moura e Larissa Kilian Pacheco	UNICAMP
	Sobre Rodas	Beatriz Santos e Walter Henri	Walter Henri	UNIMONTE
	Louça Suja se Lava em Casa	Raoni Reis	André de Souza	FAAP
	Indian Wells	Luca Boskovitz e Thomaz Arruda	Luca Boskovitz	FAAP
	O Real	Bruno Marra	Bruno Marra	Senac
2017	Ovo	Bruno Pinheiro e Giovanni Rizzo	Lucas Acher e Kevin Kenzler	FAAP
	Despertador	Amanda Mergulhão Ferrari	Henrique Mendes	FAAP
	Colmeia	Karinna C. De Simone	Caroline Vilani	FAAP
	A melhor fase da vida	Rodrigo Lavorato	Zé Vessoni	FAAP
	Roma	Charles Ferreira	Leonardo Grecco	ETEC Jorn. Roberto Marinho
	Chegamos Antes	Cainã Tavares	Felipe Delgado e Matheus Campos	UFSCAR
	Oceano	Renato Duque	Vanessa Silva	ECA - USP
	Crônicas do meu silêncio	Beatriz Pessoa	Rodrigo Campos	AIC
	Deuteronômio 22	Érico Luz	Lucas Duarte	UNIFESP
	Formosura	João Pedro Albuquerque	André Prata	Não informado
	Diva	Clara Bastos	Ana Laura Leardini e Gabriela Akashi	ECA USP
	Sobre o Muro	Marcelo de Faria e Rafael Parreira	Danilo Inagaki Yodono	UFSCAR

	Não olhe agora	Clau Fragelli e Matheus Borba	Sarah Reis	UFSCAR
	Olhos de Vidro	Thaís Vila Nova Gomes	Pedro Marum	FAAP
	Serenata	Dani Seabra	Gabriela Akashi e Lucas Campos	ECA USP
2018	FOFA	Flora Pappalardo	Lucas Acher e Nathalia Gardin	FAAP
	O filme morto	Marina Murad Scalon	Lais Moura	FAAP
	Tetê	Clara Lazarim	Gabrielle Cris e Natalia Belasalma	ECA - USP
	As mais lindas flores que separei para você	Thiago Cordeiro	André S. Brandão	AIC
	Lena	Gustavo Campos	Paulo Fischer e Thallita Oshiro	AIC
	Rapaz em Amarelo	Lucas Hossoe	Gabriel Scarpa	UFSCAR
	O Homem do Saco	Christian Savi e Luiz Fernando Coutinho	Bruno Martins Ferreira e Vinicius Joaquim Gonçalves	UFSCAR
	Magalhães	Lucas Lazarini	Tobias Rezende	UNICAMP
	Obrigados	Henrique Grise	Fabio Politi	FAAP
	Distante	Carla Valente	Elisa Lino e Giovanni Saluotto	Unicamp
	Translúcidos	Asaph Luccas	Ana Carolina Melo, Tatiane Ursulino, Christian Oliveira	Instituto Criar
	Danny	Fernando Alves	Fernando Alves	Barão de Mauá
2019	Com Cassis?	Nicole Gulane	Gabriel Villas-Boas	FAAP
	Concreto cinza abstrato	Henrique Grise	Bruno Fenart	FAAP
	Helicônias	Karen Gronich	Leandro Paiva	ECA - USP
	Recorrências	Isa Ricchiero e Bárbara Daniel	Felix Minowa e Julia Moretzsohn	UNICAMP
	Fios da Resistência	Thayná Desyrée Silva	Nathalia Martins e Leticia Soares	UNICAMP
	Como Segurar Uma Nuvem no Chão	Marco Aurélio Gal	Gabriel Manso	AIC
	Peixe, Pizza e Picaretas – Fish Head	Maynard Stuart	Paulo Pampolin	AIC
	Ruído Branco	Gabriel Souza	Stephanie Oliveira	Anhembi Morumbi
	Existo	Bruno César	Bruno Barbosa	CEUNSP
	Liberdade!	Ana Ferreira	Marcela Castagnoli	SENAC SP
	Anzol	Pedro Conde e Pedro Oliveira	Victor Otsuka	UFSCAR
	Um Beijo para Sofia	Calleb Jangrossi	Marco Escanhoela	UNIMEP
	Neblina	Thaís Orchi Abdala	Gabriel Bassani	FAAP
	Ana Cecília e Dona Sônia tentam fazer um jantar em família	Elisa Lino e Giovanni Saluotto	Rafael Ismael	UNICAMP
	As janelas que encontramos no caminho	Thaís Orchi Abdala	Gabriel Bassani	FAAP
	Cetim rosa	Isabella Mello	João Paulo Belentani e Matheus Saboya	FAAP
	Quem tá falando?	Pedro Amed	Caetano Braga	Não informado
	Coágulo	Jéssika Gonzatto	Theo Tajes	Unisinos

	Campo Minado	Jessica Teleze	Cadu Rosenfeld	CEUNSP
	Boo.mp4	Jefferson Mendes	Lucas Caciolatto	CAVI

Fonte: Autora, 2020

Para análise desses resultados, foram elaboradas três tabelas que permitissem a visualização dos dados numéricos relativos aos curtas universitários paulistas, apresentados nos festivais de cinema, de 2015 a 2019.

A primeira foi organizada separando-se, por ano de festival, os números de: filmes, homens na equipe de fotografia e mulheres na equipe de fotografia.

Na segunda tabela, os dados também foram organizados por ano, porém contabilizando-se os números de: filmes; diretores de fotografia; diretoras de fotografia; codireção envolvendo homem e mulher; codireção envolvendo duas mulheres; codireção envolvendo dois homens e codireção envolvendo duas mulheres e um homem (um único filme de 2017, do Instituto Criar).

Finalmente, na última, contabilizou o total de mulheres e homens DF, por instituição de ensino ligadas à realização desses curtas.

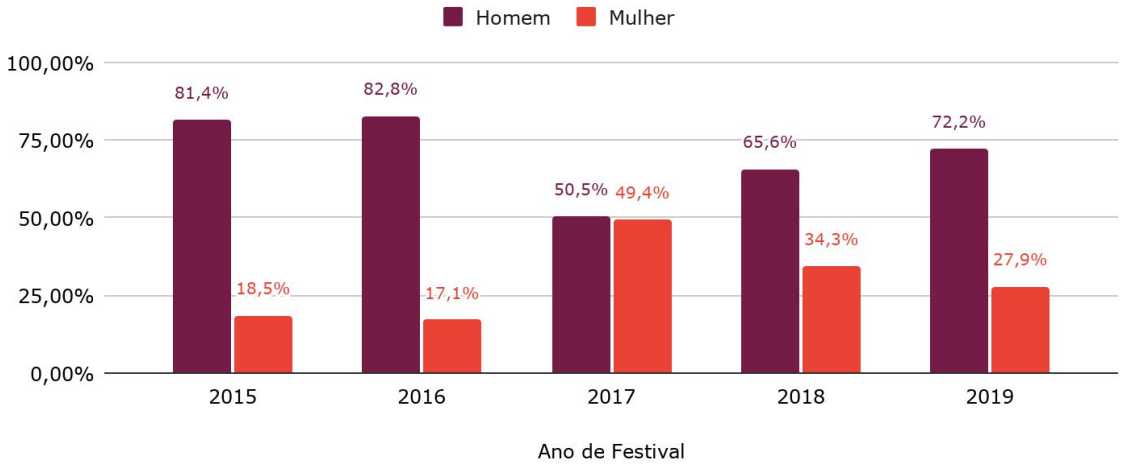
O Quadro 2, que encerra o tratamento dos dados, relaciona direção e direção de fotografia quanto ao gênero dos filmes da amostra.

4.2 Análise e discussão

A primeira tabela gerou o Gráfico 4, que apresenta a composição das equipes de fotografia da amostra. É possível observar que, em 2015, as equipes contaram com 81,4% de homens. Já em 2016, houve um pequeno aumento (82,8%) e, em 2017, o valor foi mais equilibrado, com 49,4% das equipes de fotografia compostas por mulheres.

Apesar do avanço da equidade em 2017, no ano seguinte a presença masculina voltou a ser predominante (65,6%) e, em 2019, a desigualdade voltou a crescer, com 72,2% de homens na equipe de fotografia dos filmes universitários paulistas, selecionados para festivais de cinema, no período de 2015 a 2019.

Gráfico 4 - Composição das equipes de fotografia em relação ao gênero, em filmes paulistas que participaram de festivais universitários, de 2015 a 2019.



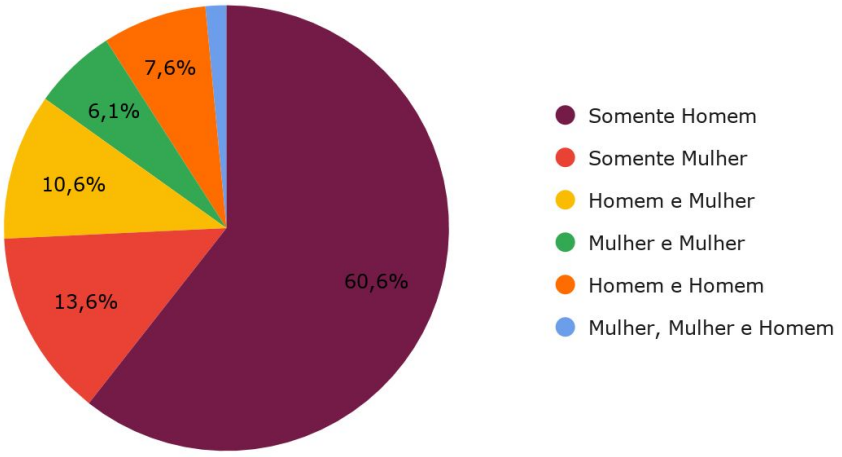
Fonte: Autora, 2020

Esses resultados vão na mesma direção que os apresentados por Pécora (2013), ao apontar que as áreas de direção e fotografia são as que menos contam com mulheres, com profissionais femininas ocupando tais cargos em apenas 9% e 2% dos filmes, respectivamente.

Salienta-se que o equilíbrio apresentado nesta amostra em 2017, como se vê no Gráfico 4, trata-se de um fato isolado, pois essa proporção entre homens e mulheres não se mantém nos anos subsequentes. O Gráfico 5, que mostra a distribuição de DFs em relação ao gênero, também não apresenta boas perspectivas.

No âmbito da DF, dentre os 66 curtas da amostra analisada, mais da metade (60,6%) tiveram suas fotografias dirigidas por homens, contra 13,6% por mulheres. Quanto às codireções, 7,6% foram de responsabilidade de dois homens enquanto 6,1% de mulheres. Assim, 68,2% das DFs, dos curtas universitários paulistas selecionados em festivais, estão em mãos exclusivamente masculinas, contra apenas 19,7% que estão em mãos femininas.

Gráfico 5 - Direção de fotografia em relação ao gênero, em filmes paulistas que participaram de festivais universitários, de 2015 a 2019.



Fonte: Autora, 2020

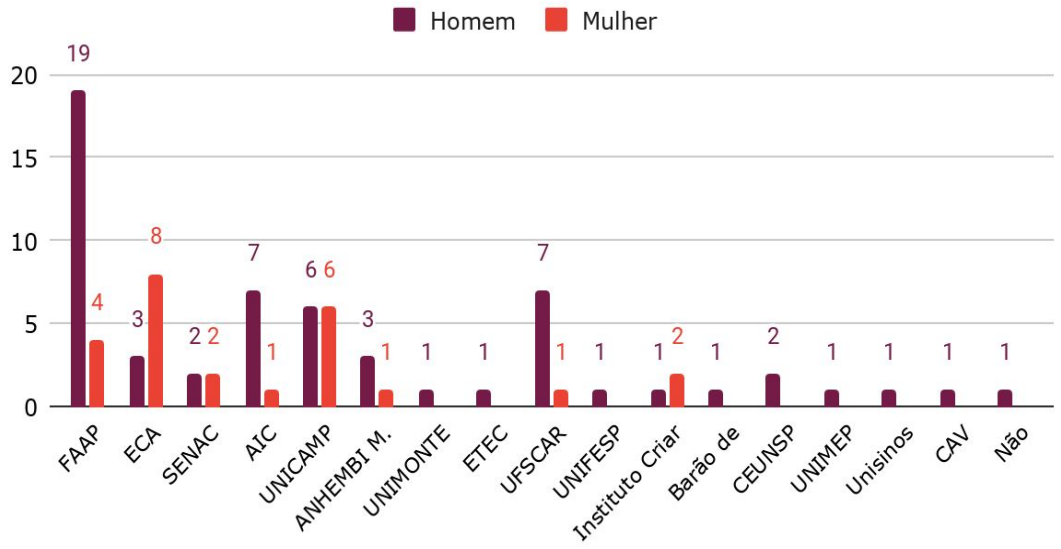
Hryniewicz e Vianna (2018) corroboram com esse resultado ao concluir, em seu estudo sobre a ocupação de cargos de chefia por mulheres, que a representatividade feminina é menor nas mais diversas áreas profissionais. Analogamente, a ANCINE (2016) afirma que a DF é a função que apresenta a maior desigualdade, com apenas 8% de mulheres entre 1.344 títulos em 2015 e 1.655 títulos em 2016.

O Gráfico 6 exibe o número de curtas analisados neste estudo, orientados ou que receberam apoio de instituições de ensino, com suas respectivas DFs classificadas por gênero. A análise dos resultados retrata uma realidade compatível com a exposta pela ANCINE em relação à hegemonia dos homens na DF, como pode ser visto abaixo.

Como se observa no Gráfico 6, que considera exclusivamente os dados da amostra deste estudo, a única instituição que apresenta prevalência de DFs mulheres em relação a DFs

homens é a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA - USP). Salienta-se, ainda, que o Instituto Criar não foi considerado por se tratar de uma codireção

Gráfico 6 - Direção de fotografia em relação ao gênero, por instituição, em filmes paulistas que participaram de festivais universitários, de 2015 a 2019.



entre duas mulheres e um homem.

Fonte: Autora, 2020

Além disso, apenas a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) apresentaram uma relação de igualdade de gênero entre DFs, em curtas universitários paulistas selecionados em festivais de 2015 a 2019.

Contudo, a instituição que teve mais filmes presentes nos festivais analisados neste estudo, a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), manteve uma forte hegemonia masculina (com 19 DFs homens e quatro DFs mulheres). Ainda quanto à prevalência masculina, a Academia Internacional de Cinema (AIC) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), apresentam 7 homens e uma mulher DFs em suas produções. As instituições, com menor número de filmes selecionados nesses festivais, mantém a primazia masculina.

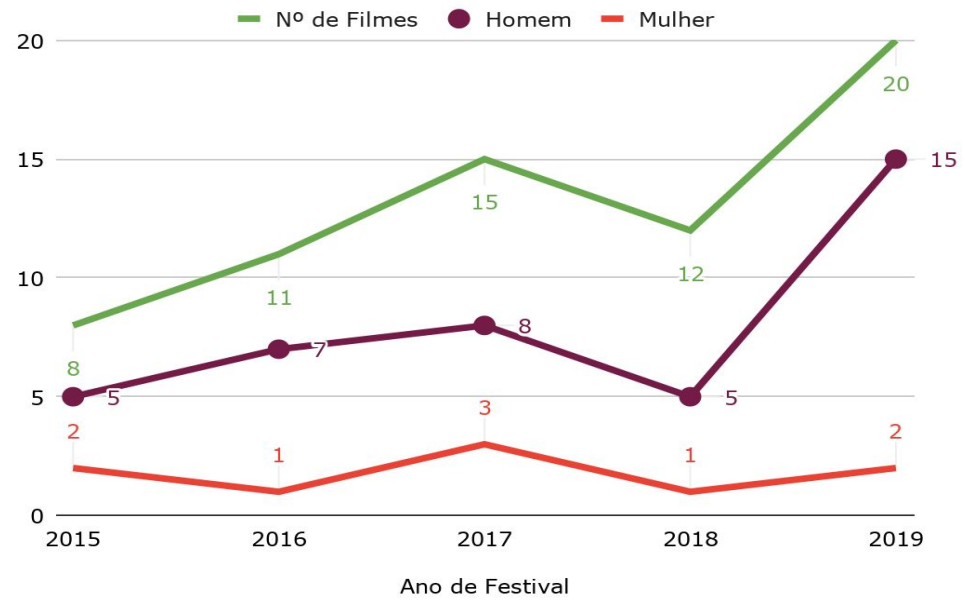
Este estudo perguntou se, nesta amostra, haveria inter relações entre as instituições de ensino e a representatividade feminina na função de DF: há uma razão específica que leva a ECA a ser a única a apresentar número maior de mulheres em cargos de DF? Por que a Unicamp e o Senac apresentaram a igualdade tão almejada? Todavia, um estudo quantitativo, como o realizado, não possibilita averiguar essa questão mesmo com acesso ao banco de dados da produção das universidades, com informações sobre a composição das equipes de filmagem. Para respondê-la, é necessário que outros estudos, que se aprofundem em

depoimentos individuais, sejam realizados ouvindo diferentes envolvidos: alunas, alunos, professores, professoras e coordenação dos cursos. Isso só seria possível pela soma de resultados de diversas pesquisas menores com diferentes recortes complementares.

De qualquer maneira, esta amostra retrata um restrita presença feminina na função de DF, como vem ocorrendo desde o surgimento do cinema. Tedesco (2016 e 2017) apresentou resultados comprovando que a área da direção de fotografia é considerada, por muitos, como um espaço exclusivamente masculino do ambiente audiovisual, mas que é predominante, e não exclusivo.

Alessandro (2020) corrobora com as posições anteriores sobre a presença feminina na área, e completa ao evidenciar a inadequação das justificativas para tal exclusão, como a alegação de necessidade de força física na equipe de fotografia. Dessa forma, coloca-se num

Gráfico 7 - Total de filmes X DFs homens X DFs mulheres, por ano, de 2015 a 2019 (excluindo-se codireções)



grau de menor importância, o mérito do olhar artístico sem o qual as produções cinematográficas perdem sua força de expressão.

Outra forma de interpretar a tabela 2, apresentada no Gráfico 7, mostra a relação entre total de filmes da amostra, por ano, e a respectiva distribuição de gênero em DFs, desconsiderando as codireções.

Fonte: Autora, 2020

De 2015 a 2019, o gráfico mostra que as mulheres mantiveram presença constante na função de DF em todo o período. Apesar disso, ano a ano, a diferença entre homens e mulheres na DF nunca foi menor do que três filmes.

Mais um aspecto que pode ser observado, é que o decorrer dos anos não significa, necessariamente, um crescimento do número de DFs mulheres, uma vez que 2019 é o último ano analisado e o que apresenta maior desigualdade.

Comparando-se esse resultado com o apresentado no Gráfico 3 (TEDESCO, 2016), conclui-se que a amostra de filmes deste estudo, reproduz o que ocorre na esfera da produção de longas. Isto é, apesar do pequeno crescimento da presença feminina, a desigualdade entre DFs homens e mulheres permaneceu expressiva mesmo com as diferenças de período e tipo de produção (longas de 1984 e 2014 e curtas universitários selecionados para os festivais e período escolhidos).

O que explicaria o baixo índice de mulheres DFs, nos dois contextos apresentados? Isto é, em relação aos longas metragens apresentados por Tedesco (2016) e aos curtas da amostra desta pesquisa.

Uma hipótese seria que diretoras estariam inclinadas a convidar mulheres para dirigir a fotografia de seus filmes. Por outro lado, diretores tenderiam a chamar DFs homens. Um dado que fortaleceria essa suposição é que, de acordo com o Gráfico 2 (ANCINE, 2017), apenas 17% dos filmes de ficção em 2016 foram de diretoras. Portanto, as oportunidades para mulheres assumirem a função de DF seriam mais restritas. Com isso, cabe perguntar se, de fato, essa hipótese se sustenta. De acordo Tedesco (in NORONHA 2018), a oportunidade é um dos problemas que dificultam a realização de DF por mulheres.

> *"A profissional tem que ser chamada para os trabalhos [...] o mercado chama as pessoas que têm mais afinidade e geralmente dão preferência para o amigo mesmo, do gênero masculino, do que abrir para uma livre concorrência, independente do gênero, pelo trabalho, pelo resultado."* (TEDESCO, *in* NORONHA, 2018, s/p)

A fim de investigar essa indagação, no âmbito da amostra deste estudo, foram relacionadas as funções de direção e DF no Quadro 2, que apresenta a distribuição dessas funções por gênero.

Quadro 2: Distribuição das funções de Direção e DF, por gênero

Direção **DF**	**Homens e Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**	**Total**
Homens e Mulheres	0	2	3	5
Homens	3	28	14	45
Mulheres	0	5	11	16
Total	3	35	28	66

Fonte: Autora, 2020

O Quadro 2 mostra que dos 66 curtas da amostra de filmes paulistas universitários selecionados para festivais, de 2015 a 2019, 11 (16,6%) contaram com mulheres em ambas as funções (direção e DF) e, 14 (21,2%), com diretoras trabalhando com DFs homens. Assim, esta amostra não confirma a hipótese de que haveria uma tendência de diretoras trabalharem preferencialmente com DFs mulheres. Neste caso, os dados levam a concluir pelo equilíbrio entre os gêneros.

Por outro lado, dentre os filmes analisados dirigidos por homens, 28 (42,4%) tiveram a DF sob responsabilidade masculina, enquanto apenas 5 contaram com a responsabilidade feminina. Esse resultado dim, aponta para a tendência de uma direção masculina trabalhar com DFs homens.

Em síntese, esta amostra parece revelar a tendência de diretoras trabalharem com um número mais aproximado de DFs homens e mulheres; e diretores mais com homens. Contudo, devido à falta de informações sobre motivos individuais que levaram às definições das DFs, os resultados não são conclusivos. Para que fosse possível chegar a conclusões, seria necessário perguntar a cada um dos envolvidos nessas produções quais razões levaram à escolha da DF: configuração dos grupos; proporção dos alunos quanto ao gênero; afinidade entre os membros das equipes, entre outros. Ou se, realmente, houve escolha livre por parte da direção.

5. CONCLUSÕES

O objeto de estudo desta pesquisa foi a análise da proporção entre mulheres e homens na configuração da equipe de fotografia e na função de DF, no caso específico do conjunto de curtas universitários paulistas que participaram de 10 festivais de cinema entre 2015 a 2019.

Nesta análise, delineou-se dois objetivos específicos. O primeiro, buscou avaliar a representatividade feminina quanto ao número de participações nas equipes de fotografia de filmes apresentados nos festivais selecionados, entre 2015 e 2019. A amplitude de variação das diferenças de gênero em todo o período, apresentou um máximo de 65,7% (em 2016) e mínimo de 1,1% (em 2017). Contudo, o baixo índice de 2017 foi uma exceção, pois a diferença, favorável à presença masculina, foi alta nos demais anos (62,9% em 2015; 31,3% em 2018; 44,3% em 2019).

Assim, conclui-se pelo baixo índice de representatividade feminina nas equipes de fotografia em curtas universitários paulistas selecionados em festivais, entre 2015 a 2019, em conformidade com as pesquisas de referência (PÉCORA, 2013; ALESSANDRO, 2020).

O segundo objetivo deste trabalho foi apurar o número de filmes que contam exclusivamente com mulheres atuando na função de Diretora de Fotografia, dentre o total de curtas desta amostra. Os resultados evidenciaram que, do total de 66 produções, apenas 13 (19,7%) contaram com mulheres na função de DF.

Novamente, esse resultado vai na mesma direção dos encontrados por Hryniewicz e Vianna (2018); ANCINE (2016) e Tedesco (2016), que apontam para o baixo índice histórico da representação feminina na liderança das equipes de fotografia.

Outras indagações surgiram no desenvolvimento deste estudo. Uma delas procurou investigar as possíveis inter relações entre a representatividade feminina na DF, nos curtas participantes desta pesquisa, e as respectivas instituições de ensino que os orientaram ou apoiaram. Dois fatores, distribuição da amostra e grande diversidade de instituições, impossibilitaram a obtenção de resultados conclusivos. Contudo, foi possível observar que, dentre as 17 instituições analisadas, apenas a ECA-USP apresentou maior número de mulheres que homens na função de DF; UNICAMP e SENAC apresentaram o mesmo número de homens e mulheres na função; e, o Instituto Criar, apresentou 2 mulheres e 1 homem, como codiretores em um único filme.

Mesmo não conclusivos, estes resultados permitem supor que a desigualdade de mulheres na área da fotografia, principalmente como DF, não é exclusividade do mercado de trabalho e, sim, se inicia desde o ambiente universitário. Dessa forma, parece haver uma menor oportunidade para criação de um portfólio para as mulheres desde o início de sua produção, desde seus primeiros aprendizados em cinema.

Em entrevista para Danielle de Noronha, a diretora Eliane Caffé, que nunca trabalhou com uma fotógrafa, afirma que há necessidade de visibilizar mais a produção das mulheres, pois é grande a dificuldade de acesso aos portfólios.

> "Quando você vai fazer a sua escolha, você vai convidar um diretor para fazer a fotografia, você vai muito referenciado pelos filmes que ele já fez e o que aconteceu é que eu encontrava muito mais filmes feitos por diretores masculinos do que femininos, que têm um portfólio grande em relação às mulheres, que são poucas." (CAFFÉ, *in* NORONHA, 2018, s/p)

Dentro dos limites desta pesquisa e em função do desenho metodológico, algumas lacunas se apresentaram e devem ser destacadas. Infelizmente, não foi possível analisar informações importantes, como:

- Houve diferença na representatividade feminina ao compararmos universidades públicas ou privadas?
- Nas codireções entre homens e mulheres houve, realmente, espaço para decisões, conversas e respeito aos posicionamentos femininos?
- Algo ocorreu, isoladamente em 2017, que justificaria a quase equiparação da distribuição do número de funções entre homens e mulheres nas equipes de fotografia?
- Houve dificuldade para a aquisição e manutenção da função de DF, uma vez assumidas por uma mulher?
- Ocorreram falas inapropriadas ou comportamentos inadequados, em função do gênero da DF, durante a produção do filme?
- No ambiente universitário, houve livre escolha por parte da direção, em relação ao convite para assumir a função de Direção de Fotografia?

- No ambiente universitário, na configuração dos grupos, houve influência de algum desses fatores: a quantidade de alunos da turma; proporção dos alunos quanto ao gênero; afinidade entre os membros das equipes?
- O peso dos equipamentos foi impeditivo de alguma maneira?

Em decorrência das lacunas elencadas acima, sugere-se que novas pesquisas com outras amostras e metodologias variadas sejam realizadas pois, dessa forma, amplia-se a possibilidade de contribuir para a reflexão sobre as dimensões da desigualdade de gênero no audiovisual e na área da fotografia no Brasil.

> "...uma visão panorâmica da presença das mulheres nas equipes de fotografia no Brasil não deixa dúvidas de que elas estão em ampla desvantagem no mercado brasileiro e que, por conseguinte, todas acabam vivenciando explícita ou implicitamente, em diferentes graus, as consequências de um problema estrutural, acompanhando uma tendência que é internacional." (TEDESCO, 2016, p.55)

Apesar de todas discussões sobre gênero, dos avanços do feminismo na sociedade e das mulheres constituírem 51,6% da população brasileira (IBGE, 2020) pode-se afirmar que o crescimento da representatividade feminina na direção de fotografia brasileira é um processo lento e irregular, cujas origens antecedem à entrada da mulher no mercado de trabalho.

Ademais, como apontado Abram (2006), esse processo de aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho está vinculado à má qualidade do emprego feminino, principalmente, a trabalhos de menor expressão e/ou informais, com desigualdade salarial e de carga horária. Noronha (2018) corrobora com essa posição demonstrando que esse fenômeno se reproduz na área da direção de fotografia citando a perspectiva da Diretora de Fotografia Kika Cunha sobre a questão. Nessa análise, a cineasta lembra que a questão vai para muito além da quantidade de oportunidades, pois envolve a qualidade e tamanho das produções que convidam mulheres para o trabalho.

Assim, segundo Kika Cunha, é necessário que não apenas os trabalhos com menor orçamento e com falta de equipamentos sejam ofertados às mulheres. Mas, que quando surgirem trabalhos com boas condições de verba e infraestrutura, não se chame apenas os fotógrafos conhecidos, deixando as mulheres de fora das melhores produções cinematográficas (NORONHA, 2018).

6. REFERÊNCIAS

ABRAM, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 40-41, Dec. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67 252006000400020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 nov. 2020.

ALESSANDRO, Rafael. **Mulheres na direção de fotografia**: como fortalecê-las? 2020. Disponível em: https://www.avmakers.com.br/blog/mulheres-na-direcao-de-fotografia-como-fortalece-las/. Acesso em: 26 out. 2020.

BRASIL. Agência Nacional de Cinema (Ancine). Superintendência de Análise de Mercado. Participação feminina na produção audiovisual brasileira em 2016. **Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual**. 30 mar. 2017. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2016.pdf . Acesso em 10 out. 2020.

BRASIL. IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Quantidade de homens e mulheres. **IBGEeduca**, 2020. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20Cont%C3%ADnu,51%2C8%25%20de%20mulheres. Acesso em: 30 out. 2020.

HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; VIANNA, Maria Amorim. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 3, p. 331-344, Sept. 2018 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512018000300331&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 nov. 2020. https://doi.org/10.1590/1679-395174876.

NORONHA, Danielle de. **Elas Por Trás Das Câmeras**: reflexões sobre as mulheres no audiovisual. Reflexões Sobre As Mulheres No Audiovisual. 2018. Disponível em: https://abcine.org.br/site/elas-por-tras-das-cameras-reflexoes-sobre-as-mulheres-no-audiovisual/. Acesso em: 29 nov. 2020.

PÉCORA, Luísa. Por trás das câmeras, mulheres lutam por oportunidades iguais em Hollywood. **Último segundo Cinema**. iG São Paulo. 2013 Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2013/08/13-08-2013ig_portrasdascamerasmulhereslutamporoportunidadesiguaisemhollywood.pdf. Acesso em:

TEDESCO, M. C. Mulheres atrás das câmeras: a presença feminina na direção de fotografia de longas-metragens ficcionais brasileiros. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, *[S. l.]*, v. 43, n. 46, p. 47-68, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2016.119978. Disponível em: http://www.revistas. usp.br/ significacao/article/view/119978. Acesso em: 23 out. 2020.

SANTOS, Érica Ramos Sarmet dos; TEDESCO, Marina Cavalcanti. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p.

1373-1391, Dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301373&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 out. 2020. https://doi.org/10.1590/ 1806-9584.2017v25n3p1373.